



UMA LEITURA DOS ECOFEMINISMOS E DA ECOCRÍTICA CONTIDOS NA OBRA *EU, TITUBA: A BRUXA NEGRA DE SALEM*, DE MARYSE CONDÉ

A READING OF ECOFEMINISMS AND ECOCRITICISM IN MARYSE CONDÉ'S *I, TITUBA: BLACK WITCH OF SALEM*

Laiza Luz Martins Sant'ana*

Resumo: Este artigo analisa a obra *Eu, Tituba: a bruxa negra de Salem* (2021), de Maryse Condé, a partir de uma perspectiva ecocrítica e ecofeministas. O estudo investiga a maneira como a personagem Tituba se relaciona com a natureza, especialmente com as plantas e os elementos do meio ambiente na ilha de Barbados, e como essa conexão é retratada na narrativa. A metodologia baseia-se em uma pesquisa bibliográfica da obra, dialogando com teorias de ecocrítica e ecofeminismos, e foca na primeira parte do livro, que narra desde o nascimento de Tituba até sua chegada a Boston, nos Estados Unidos. A análise revela como Condé utiliza conceitos ecocríticos e ecofeministas para ilustrar a profunda ligação de Tituba com as paisagens naturais de Barbados, destacando como a personagem emprega elementos da natureza para expressar suas vivências. Além disso, o artigo explora a denúncia da exploração humana através da escravidão, destacando a resistência da mulher negra diante da opressão e suas estratégias de sobrevivência.

Palavras-chave: Mulher negra. Ilha de Barbados. Ecocrítica. Ecofeminismos.

Abstract: This article analyzes the work *I, Tituba: Black Witch of Salem* (2021) by Maryse Condé from an ecocritical and ecofeminisms perspective. The study investigates how the character Tituba interacts with nature, particularly with plants and elements of the environment on the island of Barbados, and how this connection is portrayed in the narrative. The methodology is based on bibliographic research of the work, engaging with theories of ecocriticism and ecofeminisms, and

* Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT) na linha de pesquisa literatura comparada sob a orientação da professora Doutora Jozanes de Assunção Nunes, mestra em Estudos de Linguagem pela mesma instituição, tendo concluído em 2022. Licenciada em Letras Português/Espanhol e respectivas literaturas pela Universidade de Cuiabá – UNIC. Professora efetiva de Língua Portuguesa na rede pública estadual de educação de Mato Grosso. Integrante do grupo de pesquisa REBAK – Relendo Bakhtin – UFMT e DLBAL – Diálogos Literários: Brasil e África Lusófona. E-mail: laizapap@gmail.com



focuses on the first part of the book, which covers Tituba's life from birth until her arrival in Boston, United States. The analysis reveals how Condé uses ecocritical and ecofeminisms concepts to illustrate Tituba's deep connection with the natural landscapes of Barbados, highlighting how the character uses elements of nature to express her experiences. Additionally, the article explores the denunciation of human exploitation through slavery, emphasizing the resistance of the Black woman against oppression and her strategies for survival.

Keywords: Black woman. Island of Barbados. Ecocriticism. Ecofeminisms.

INTRODUÇÃO

Ao propormos uma análise ecocrítica da obra *Eu, Tituba: a bruxa negra de Salem*¹ da escritora guadalupense Maryse Condé, enfatizamos o estudo a partir de um olhar que tem como premissa as contribuições dos ecofeminismos². Voltada a pensar sobre as ações humanas na devastação do meio ambiente, degradação da vida no planeta e na relação que é estabelecida a todo momento entre o ser humano e a natureza.

Sob um olhar combatente, as lutas elegidas pelos ecofeminismos versavam, ainda, pelo fim dos arquétipos que valorizavam somente o discurso branco, heterossexual e europeu, partindo para a mobilização das mulheres que entendiam que era importante cuidar da “Mãe Terra” em todas as extremidades do mundo. Por isso, vozes femininas na Índia, América Latina e outros lugares se uniram às da Europa e dos Estados Unidos no sentido de reconhecer a representatividade feminina na defesa da natureza, da vida e da sustentabilidade dos povos.

Trazendo à baila as contribuições de um importante teórico da literatura brasileira, Antonio Candido, entendemos que, pelo fato de a literatura abordar de forma tão densa as questões sociais e, por conseguinte, as questões ambientais serem tão relevantes para a sociedade, é necessário compreendermos as camadas que as discussões e problemáticas ambientais penetram na crítica literária, de modo a observar como autoras e autores dialogam com tais questões. Assim, para Candido:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo,

¹ CONDÉ, Maryse. *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem*. Trad. Natalia Borges Polesso. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

² Consideramos neste estudo a pluralidade de ideias, práticas e correntes que investigam os ecofeminismos no mundo, por isso, nos referiremos a terminologia no plural.

ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte.³

O tempo todo o ser humano interfere na natureza, modificando, alternando e experienciando as possibilidades de mudança no meio em que vivemos; obviamente, com isso, seus impactos se tornam pujantes na sociedade, o que versa tanto como pano de fundo nas discussões, quanto nas relações de convivência e na identidade das personagens contidas nas obras literárias.

Este artigo analisa a relação de Tituba com a natureza, especialmente no que diz respeito às plantas e aos elementos do meio ambiente da ilha de Barbados, conforme retratado na obra *Eu, Tituba: a bruxa negra de Salem*. Além disso, destaca-se o impacto do movimento diaspórico na vida da personagem, que, como mulher negra, enfrenta o assassinato brutal de seus pais, a escravização, e a falta de empatia e respeito por sua religiosidade.

Uma vez que, coadunando com Candido, “notamos o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade”⁴, pretendemos lançar luz a elementos específicos dentre os mais variados pontos de destaque da obra de Condé⁵, como reconhecer a forte relação que a personagem Tituba tinha com a ancestralidade que, em muitas vezes, se orquestrava pelo contato ativo com a natureza; e entender como a personagem se percebia enquanto mulher negra, colocando-se a serviço de seu povo por meio de seu conhecimento sobre as plantas medicinais. Acreditamos que essas questões são um ponto de partida para entrelaçarmos a análise da obra aos preceitos da ecocrítica e dos ecofeminismos.

A metodologia utilizada para a análise do *corpus* se pauta na pesquisa bibliográfica referente à obra de Maryse Condé, estabelecendo uma relação de diálogo com os estudos voltados à ecocrítica e aos ecofeminismos. Para tanto, nos ancoramos

³ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p. 29.

⁴ CANDIDO, 2006, p. 20.

⁵ CONDÉ, 2021.

nos estudos de Candido⁶, Gaard⁷, Glotfelty⁸, entre outros. Devido ao fato de a obra ser bastante densa, rica em detalhes e com amplo espaço para abordarmos a ecocrítica, o ecofeminismo e a relação da personagem com a natureza, nos pautamos em analisar a primeira parte da obra de Condé⁹, que abarca do nascimento de Tituba até o momento em que ela segue viagem para a América do Norte, precisamente desembarcando em Boston.

Portanto, aludimos ao cenário caribenho da ilha de Barbados, localizada no Oceano Atlântico, com aproximadamente 430km², destacando – o como ponto estratégico para o comércio e, por conseguinte, o tráfico de seres humanos escravizados, visto que é a região mais ao oriente de todo o Arquipélago das Antilhas. Muitos barcos que seguiam para as demais localidades da América do Norte ou do Caribe faziam escala e negociações na ilha, além de que, sofreu o processo de colonização europeia em sua maioria por descendentes britânicos¹⁰.

Esperamos, assim, contribuir com os estudos da literatura afro-caribenha de Maryse Condé, sobretudo no Brasil, de modo a divulgar a relevância dos olhares ecofeministas e da abordagem ecocrítica de análise.

O artigo está organizado em três seções, sendo que a primeira apresenta os caminhos trilhados pelos estudos voltados à natureza: ecocrítica e ecofeminismo como forma de mudança de perspectiva em relação a convivência e percepção do meio ambiente, a segunda traz um breve resumo da obra analisada, entendendo o percurso de criação artística e a terceira e última apresenta a análise da obra propriamente.

⁶ CANDIDO, 2006.

⁷ GAARD, Greta. Rumo ao ecofeminismo *queer*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 01, p. 197-223, 2011.

⁸ GLOTFELTY, Cheryll. *What is Ecocriticism?* Defining Ecocritical Theory and Practice. Sixteen Position Papers from the 1994 Western Literature Association Meeting, Utah: 06 de outubro de 1994. Disponível em: https://www.asle.org/wpcontent/uploads/ASLE_Primer_DefiningEcocrit.pdf. Acesso em: 28 maio 2020.

⁹ CONDÉ, 2021.

¹⁰ CARDIM, Carlos Henrique; DIAS FILHO, Rubens Gama. *A Herança Africana no Brasil e no Caribe*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

OS CAMINHOS TRILHADOS PELOS ESTUDOS VOLTADOS AO MEIO AMBIENTE: ECOCRÍTICA

É inegável a forte relação de construção e destruição entre os seres humanos e a natureza, assim a temática acerca da valoração do meio ambiente agrega inúmeras áreas do conhecimento e mobiliza autoras e autores mundo afora. Contudo, o severo desmatamento do planeta, a desmedida inserção de gases tóxicos em nossa atmosfera e o contínuo avanço industrial causam as suas mais complexas e expressivas consequências, a exemplo do descarte desregrado de plástico que forma bolsões de lixo no mar.

A ecocrítica surge mundialmente a partir de 1978, sendo definida conforme nos aponta Cheryll Glotfelty, como “o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico”¹¹ (tradução própria) tal corrente se pauta nas pesquisas pós-colonialistas e na necessidade de se compreender as influências que tais discussões e problemáticas exercem na literatura.

Como forma de combate a esse tipo de degradação no meio ambiente, surge como força de mudança a este cenário: a ecocrítica, que olha as produções literárias e culturais sob a ótica do meio ambiente e valora a relação entre o ser humano e o meio em que está inserido sugerindo como pode ser pacífica ou destrutiva essa convivência. Conforme Correia, “a ecocrítica transcende o estudo da presença da natureza nos textos literários e aborda, também, a preocupação com o meio ambiente, pelos problemas ecológicos, esse assunto mais global”¹², de modo a perceber por meio do reflexo exposto nas obras literárias a capacidade de criação/devastação que os seres humanos têm com a natureza.

No entanto, como nos ressalta Castro, “o problema ecológico não é, primordialmente, um problema econômico e político, mas, sim, um problema de relação da humanidade consigo, com os outros e com as coisas”¹³, por isso as obras literárias representam um importante arcabouço para a compreensão também desse aspecto de nossa sociedade. Assim, a ecocrítica defende trazer à baila discussões de cunho ambiental, ao passo que, mesmo não sendo abordada com aprofundamento em uma obra literária, é proposta a reflexão sobre as relações entre o ser humano e a natureza.

Para que entendamos como a ecocrítica se manifesta nas obras, concordamos com Vasconcelos e Braz ao apresentarem que, “a ecocrítica se constitui como uma forma de ler o texto literário e as relações que este possui com o meio ambiente, pois este é diretamente

¹¹ Cf. GLOTFELTY, 1994. “*The study of the relationship between literature and the physical environment*”.

¹² CORREIA, Fernanda Bezerra de Aragão. *Literatura e meio ambiente: Uma abordagem eco-poética em Manoel De Barros*. 2019. 106 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. p. 21.

¹³ CASTRO, Manuel Antônio de. *Ecologia: a cultura como habitação*. In: SOARES, Angélica (org.). *Ecologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. p. 13-33. p. 13.



afetado pelas ações humanas”¹⁴. É preciso compreender os impactos que a ecocrítica, na condição de crítica literária, causa na teoria literária, pois com ela podemos ajustar a nossa percepção e sensibilidade para as causas ambientais e seus impactos a curto e longo prazo em nossa sociedade. Para Correia,

[...] através dos estudos literários, a ecocrítica tem como missão nos aproximar da natureza e nos ensinar como melhorar a nossa relação com o meio ambiente. Essa missão exige um compromisso com a ética pessoal. A Ecocrítica, então, torna-se um desafio para o discurso da crítica pós-moderna, bem como para os sistemas críticos do passado.¹⁵

Muitas autoras e autores em seus textos levam aos que leem a conhecerem, por meio das obras literárias, situações diferentes que envolvem o ser humano e a natureza, por isso a literatura é capaz de apresentar possibilidades, indagar situações e criar hipóteses que contribuam com uma sociedade mais sustentável e ciente de que suas ações podem ocasionar a destruição de nosso ecossistema, ou a sua continuidade.

Adiante compreenderemos como os movimentos femininos altamente engajados nas causas ambientais contribuíram com o surgimento de uma nova perspectiva teórica: os ecofeminismos.

ECOFEMINISMOS E SUA RELAÇÃO ENTRE O FEMININO E A NATUREZA

Os ecofeminismos começam a ser pensados no mundo a partir da década de 1970¹⁶, tendo como próêmio o ativo posicionamento de mulheres no combate a formas de degradação do planeta, como as questões relativas à superpopulação mundial, bases militares e nucleares. Durante os anos 1980, para além das manifestações e criações de coletivos femininos, as mulheres endossaram sua luta com a realização de conferências e congressos, onde era discutido o papel da mulher na preservação da natureza e no

¹⁴ VASCONCELOS, Clara Mayara de Almeida; BRAZ, Rafael Francisco. Ventos do apocalipse e a relação com Ecofeminismo. *Letras Raras*, Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 10-29, 2021. p. 16. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8401280>.

¹⁵ CORREIA, 2019, p. 23.

¹⁶ Reconhecemos as frentes teóricas que se posicionam como feminismo ecológico, feminismo ecossocialista, feminismo ambiental; contudo, neste artigo nos ancoramos nos estudos do ecofeminismo por uma questão de posicionamento ideológico.



combate à visão patriarcal que, dentre outras pautas, incentivava desmedidamente o capitalismo e a devastação do meio ambiente¹⁷.

A amplitude dos valores ecofeministas nos permite pensar na pluralidade de seu nome, haja vista a infinidade de frentes de atuação em todo o mundo. Vemos mulheres ecofeministas na agricultura familiar, na luta contra o aquecimento global, na aguerrida preservação das florestas e matas ciliares, na busca por alimentar milhares de famílias em situação de vulnerabilidade social com soluções que partem do campo ao invés das cidades e no acolhimento a animais abandonados:

[...] o ecofeminismo surge como uma ramificação do feminismo e da ecocrítica, abarcando discussões acerca dos direitos da mulher, além de denunciar a sua outremização pela figura masculina, ao passo que compreende como o feminino e a natureza são colocados em paralelo. Para tanto, o ecofeminismo abre espaço para que se compreenda como a estrutura conceitual patriarcal oprime, explora, massacra e destrói o sujeito feminino, assim como o faz com a natureza.¹⁸

São muitas as formas de enfrentamento que corroboram com um objetivo uníssono de salvar o planeta e os seus habitantes, entendendo que há um conjunto totalmente interligado que forma o nosso ecossistema e que a libertação das mais variadas formas de opressão é imperativa neste momento em que vivemos¹⁹.

Por isso, atrelados à forte questão que envolvem a preservação da humanidade, a natureza e pensando na sustentabilidade de ambas, parte dos movimentos ecofeministas esse posicionamento em favor de discutir a pauta de um meio ambiente preservado com florestas em pé e que consigam atender a grande demanda por alimentos em todo o globo, mesmo ignorando as críticas de muitas correntes feministas que acreditam que, ao voltar os olhos para a biosfera, as mulheres se distanciam da sonhada igualdade de direitos e de gênero²⁰.

Capitalismo e patriarcado geram, em suma, o excesso de carga de trabalho para as mulheres, o seu empobrecimento nos países subdesenvolvidos e, ainda, a alta

¹⁷ TAVARES, Manuela. Ecofeminismo (S). *Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elina Guimarães*, 2014. Disponível em: https://www.cdcofeminista.org/wp-content/uploads/2014/02/ECOFEMINISMO_Manuela_Tavares_5fev2014UF.pdf. Acesso em: 28 maio 2023.

¹⁸ VASCONCELOS; BRAZ, 2021, p. 11.

¹⁹ OSÓRIO, Andréia. Ecofeminismo, teorias do *care* e as críticas a protetoras de animais de rua. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 3, e57762, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/g37rWjtX3hrs7H3Q5hLNHgM/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2023.

²⁰ GRUEN, Lori; BIRKE, Linda. Ecofeminists' perspective. In: BEKOFF, Marc (ed.). *Encyclopedia of animal rights and animal welfare*. Westport: Greenwood Press, 1998. p. 48-49.



exposição ao estresse em países desenvolvidos. Para as teóricas e os teóricos ecofeministas as razões que corroboram para a devastação do meio ambiente, no que concerne à fauna e a flora são as mesmas que anseiam por tolher as mulheres no sentido de desvalorizá-las, desmotivá-las e, em importantes e muitos casos, ceifar suas vidas, ou seja, se atrelam ao patriarcado, ao discurso do colonizador e às premissas do capitalismo²¹.

A seguir conheceremos um breve resumo da obra a ser analisada.

PANORAMA DA OBRA ANALISADA: ENTENDENDO O PERCURSO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA

A primeira edição da obra *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem* foi publicada pela autora guadalupense Maryse Condé em 1986²². A história nos conta a trajetória de Tituba, mulher negra que foi concebida por um estupro sofrido por Abena, sua mãe, em um navio negreiro que as levou até a ilha de Barbados na região caribenha. Logo em seus primeiros anos de vida a menina vê sua mãe e padrasto, ao qual tinha grande afeição, serem assassinados por um fazendeiro que queria abusar de sua mãe.

Com isso, sofre a dor do abandono, pois como a sua família era proveniente de seres humanos que viviam como escravizados, qualquer outra pessoa próxima que a adotasse seria rechaçada e correria o risco de sofrer como no trágico fim de seus pais. Assim, coube a “Man Yaya” cuidar da menina, ela que era uma mulher negra, que vivia às margens do rio Ormonde na ilha de Barbados, e que por ser considerada uma anciã que praticava a religião advinda da África, não era escravizada.

Tituba cresceu sem amigos, escola ou qualquer contato com mulheres e homens brancos; ainda criança, descobriu que tinha um dom para a prática da religiosidade que “Man Yaya” seguia, e por intermédio da senhora aprendeu sobre as plantas, o vento, as águas e as oferendas que deveria fazer para que conseguisse o que ansiava. Pouco tempo depois, mãe Yaya vem a falecer e Tituba novamente se vê sozinha. Com isso, ela resolve se aproximar do povo negro que vivia na ilha, mas muitos tinham medo dela;

²¹ GAARD, 2011.

²² Utilizamos neste trabalho a 8ª edição da obra, publicada no Brasil em 2021 pela editora Rosa dos tempos.



tempos depois, ela ganha a afeição de seu povo e pratica a arte da cura dos doentes, das rezas aos seus ancestrais e dos trabalhos que sua crença realizava.

Em uma de suas andanças pela região central da ilha conhece John Indien, jovem negro escravizado na faixa de seus 20 anos. Tituba se encanta, descobre o interesse por se arrumar e se apaixona, contudo, devido à condição desumana que seu amado vivia, ela toma a decisão de se escravizar também para poder viver o seu amor. Assim, ela tem o contato com o cristianismo de modo totalmente opressor, pois impunham-na uma religião, costumes e tradições que não faziam o menor sentido para ela. Pela primeira vez conheceu o termo bruxa, que se tornaria seu maior estigma, anos mais tarde.

Logo depois do falecimento da colonizadora que escravizava o casal eles foram vendidos para Samuel Paris, reverendo que não havia concluído seus anos de formação e, por isso, atuava em pequenas províncias. Ele os leva, juntamente com sua família, para a região de Boston por meio do navio *Blessing*. Após não conseguir se estabelecer na cidade, eles decidem partir para a província de Salem; contudo, durante este período a esposa do reverendo adoece seriamente e Tituba, com seus saberes ancestrais, a salva e fica marcada por seu conhecimento.

Em Salem ela fica referendada como grande cozinheira e contadora de histórias que se distanciavam da tradição judaico-cristã que circulavam no vilarejo. Pouco tempo depois, mesmo diante do grande conhecimento, a família de Parris não prospera e começam a surgir fenômenos sobrenaturais envolvendo as filhas do reverendo e outras meninas da região.

Tituba é então acusada e presa pelo crime de bruxaria. Na prisão, orientam-na que, caso confessasse, nada ocorreria em sua vida, pois por ser uma mulher negra não poderia participar como ré em um julgamento. Tituba, então, assume um crime que em sua concepção não era um ato culposo, mas por primar por sua vida era necessário fazê-lo. O julgamento dura vários meses e, devido à escassez de recursos, mesmo presa ela começa a trabalhar fora para sustentar toda a prisão. John Indien a abandona para se tornar amante de uma viúva branca, pouco se importando com a condição em que Tituba vivia.



Ela é vendida a um comerciante judaico/português e tem acesso a uma outra concepção religiosa, os dois se aproximam e se enamoram por um tempo. Logo depois, Tituba retorna a Barbados e inicia um processo de reestabelecimento em sua terra natal. Porém, sua história já era conhecida por todos e os lampejos de uma revolução em busca da abolição da escravidão soavam pelos quatro cantos da ilha; após se envolver afetivamente com um dos líderes do movimento em prol da libertação dos escravizados e já estando com mais de 30 anos, Tituba engravida.

Ciente de que novamente faria parte de um plano de exploração, ela resolve deixar a região em que estava morando para retornar à casa à beira do rio Ormonde, onde, após alguns dias na mais profunda solidão ela conhece um rapaz extremamente machucado e decide cuidar de seus ferimentos. Esse rapaz se apaixona por ela, e mesmo sendo vários anos mais jovem, declara seu amor.

No momento em que Tituba sucumbe à paixão eles são capturados como organizadores de uma revolução iminente e Tituba é queimada viva. Somente após sua morte ela recebe a grata satisfação de se torar lenda na ilha, sendo entoada por cânticos pelo povo negro que trabalhava de forma escravizada nas lavouras e plantações.

ANÁLISE DA OBRA

Na obra *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem*, a natureza ocupa um espaço significativo para percebermos a relação de confiança que a personagem Tituba deposita no meio ambiente, tal como se assemelhasse a uma cumplicidade. Devido a drástica forma de exclusão ao qual a personagem foi submetida ainda criança, seu convívio limitou-se a Mãe Yaya, aos espíritos de seus pais e a natureza. Por isso, o processo de conhecimento da natureza, de respeito a ela e da forma de utilizá-la para os mais diversos fins, acompanha a personagem Tituba, por exemplo, em toda a sua trajetória.

Desse modo, entendemos que a vida, ancestralidade e relação com a natureza de Tituba moldam a construção da obra, de modo que em muitos momentos a sua percepção do meio ambiente é utilizada para demonstrar aspectos relativos à sua opinião, seu conhecimento, e também seus sentimentos. Essa profunda ligação da personagem com a ilha de Barbados, parte da obra a qual nos dedicamos, já se apresenta nos primeiros parágrafos da narrativa, quando a autora nos apresenta que:



Depois que aprendi a falar e a andar. Descobri o triste e, ao mesmo tempo, esplêndido universo ao meu redor. As cabanas de barro seco, escuras contra o céu desmedido, os adornos involuntários das plantas e as árvores, o mar e sua áspera canção de liberdade.²³

O reconhecimento da natureza que cerca a personagem se faz por meio gradativo a partir do seu autoconhecimento: percebemos que não há uma dissociação entre os sentimentos e sensações de Tituba e sua perene relação com o meio em que vive. Conforme nos apontam pessoas que pesquisam sobre acerca desta área²⁴, o “foco se volta aos comportamentos e relações entre o humano e o lugar habitado” e para a personagem, desde o início, é posta uma tripla relação entre a tristeza, a magnitude do meio ambiente e sua forma de entender a vida.

Vale ressaltar, ainda, o reconhecimento descrito no excerto com a importância dada ao mar, como o espaço geográfico descrito na obra é uma ilha, essa relação com o mar é imprescindível e destacamos, um possível reconhecimento, já nos primeiros parágrafos do texto, com a condição de subalternização da personagem Tituba por ser filha de seres humanos escravizados.

Quando a personagem nos indica que o mar apresenta uma “áspera canção de liberdade”, entendemos e coadunamos com as pesquisas de Gilroy ao apontar que “imagens sucessivas da forma feminina corporificam a harmonia, a mutualidade e a liberdade que podem ser obtidas pela dissolução da individualidade nas marés da identidade racial”²⁵: a prática ancestral de unir em um mesmo contexto, a mulher negra, o mar e a luta pela liberdade, compunham esse “universo ao meu redor” que nos é apresentado por Condé²⁶.

Outro momento em que é possível perceber que Tituba utiliza a descrição da natureza para apresentar suas considerações a respeito do lugar em que vivia se dá em “uma brisa soprava as nuvens para o mar e o céu, lavado, era um azul suave. Barbados, meu país, é uma ilha plana. Só tem algumas colinas aqui e ali”²⁷. Nesse excerto, vemos

²³ CONDÉ, 2021, p. 29.

²⁴ SILVA, Edilane Ferreira; COSTA, Érika Maria Asevedo; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa. Topofobia e topofilia em “A Terra”, de “Os Sertões”: uma análise ecocrítica do espaço sertanejo euclidiano. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 253-260, maio/ago. 2014. p. 254. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-451320140204>.

²⁵ GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001. p. 264.

²⁶ CONDÉ, 2021.

²⁷ CONDÉ, 2021, p. 30.



que valorar as características de sua terra é um importante traço despendido por Tituba, sobretudo para descrever a vasta biodiversidade da ilha, que podemos perceber ainda quando a autora caribenha, descreve que:

Eu sabia de um canto às margens do rio Ormonde, aonde ninguém jamais ia, porque a terra lá era pantanosa e pouco propícia para o cultivo da cana. Construí sozinha, com a força dos meus pulsos, uma cabana que consegui empoleirar sobre as estacas. Pacientemente, cerquei um pedaço de terra e delimiti um jardim, onde logo cresceriam toda sorte de plantas que eu pudesse enfiar na terra para meus rituais, respeitando as vontades do sol e do ar. [...] Man Yaya me deu um último conselho sobre seus ensinamentos, que dizia respeito às plantas. Sob sua orientação, ensaiei cruzamentos, difíceis, misturando passiflora com ameixa, cajá-manga venenosa com jujube e azaleia-das-azaleias com persulfúrico. Elaborei drogas e poções que eu tonificava com encantamentos. À noite, o céu violeta de Pile se estendia sobre a minha cabeça como um grande lenço contra o qual as estrelas vinha cintilar uma a uma. De manhã, o sol colocava sua mão em corneta sobre a boca e me convidava a passear com ele.²⁸

As circunstâncias que eram expostas pela personagem, neste primeiro momento, eram da mais profunda solidão dada a toda a perversidade à qual o povo negro era submetido durante a escravidão: com isso, a sua relação com o meio ambiente era de pura devoção, dado que se dedicava a conhecer ambientes despovoados, pesquisar sobre as plantas e suas contribuições para os seres humanos.

Para a autora, a natureza não era considerada somente como um cenário onde se passava a obra, o meio ambiente compunha e interferia no modo em que a autora criou o texto, desenvolveu a sua narrativa e em como a personagem de Tituba foi concebida. Assim, vemos a ecocrítica como uma importante corrente teórica que nos leva a entender que, como nos aponta Correia, “é de grande relevância o estudo da inter-relação entre o homem e a natureza, no que tange os seus elos de afetividade com os elementos naturais, o seu olhar para com a mesma e o principal, o seu comportamento diante dela”²⁹. A autora continua a apresentar a natureza como parte fundamental na obra em:

Mãe Yaya me ensinou sobre as plantas. Aquelas que davam sono. Aquelas que curavam feridas e úlceras. Aquelas que faziam os ladrões confessarem. Aquelas que acalmavam os epiléticos e os mergulhavam em um repouso deleitoso. Aquelas que punham sobre os lábios furiosos, dos desesperados e dos suicidas palavras de esperança. Man Yaya me ensinou a escutar o vento quando ele aumentava e a medir sua força debaixo das cabanas que ele queria destruir. Mãe Yaya me ensinou sobre o mar. As montanhas e as colinas. Ela me ensinou

²⁸ CONDÉ, 2021, p. 34.

²⁹ CORREIA, 2019, p. 20.



que tudo vive, que tudo tem uma alma, um sopro. Que tudo deve ser respeitado.³⁰

Munida de uma poética totalmente disposta a enfatizar a biosfera presente em Barbados, os saberes ancestrais compartilhados por “Mãe Yaya” com Tituba e a religiosidade contida no trato com a natureza, entendemos que a essência da obra nos apresenta naturalmente o olhar voltado também aos ecofeminismos, uma vez que, para além de ser compreendido, “tudo deve ser respeitado” e os seres humanos não são inertes e, tampouco, onipotentes neste processo. Condé³¹ nos leva a refletir sobre a harmonia que precisa ser latente na convivência entre humanos e natureza, o que para autora era enfatizado como uma importante fonte de conhecimento.

Contudo, na obra de Condé³² a natureza, aliada ao consciente posicionamento ecofeminino auxiliam também a compreendermos os traços de denúncia social, haja vista a desumanização e a mais profunda falta de empatia e respeito com a qual o povo negro era tratado. “Ouvi um grande vento soprar, passando por cima das copas das palmeiras. Ouvi o mar se revoltar. Ouvi o latido dos cães treinados para farejar os negros vagabundos. Ouvi o canto dos galos anunciadores do dia [sic].”³³

No discurso de Tituba, o sentido da audição própria de todo ser humano, serve tanto para auscultar os lampejos da natureza, como para vislumbrar a forma em que o povo negro era tratado. Neste fragmento, percebemos que alguns adjetivos – *grande*, *treinados*, *vagabundos* - são apresentados para denunciar o tamanho da agressão à qual negras e negros eram submetidos, de modo que a eles era infligindo o mais completo abandono e sentimento de desprezo. A natureza serve como marco de denúncia expressa desde o mais sutil elemento, como é posto:

Muitas vezes, no entanto, assisti a cenas de brutalidade tortura. Homens que voltavam ensanguentados, o peito e as costas cobertas de listras escarlates. Um deles morreu diante dos meus olhos, enquanto vomitava uma baba púrpura. Enterraram-no ao pé de uma mafumeira [sic].³⁴

E ainda: “Enforcaram a minha mãe. Vi seu corpo girar nos galhos baixos de uma mafumeira”³⁵. Ao discorrer acerca de suas memórias, Tituba destaca nos dois

³⁰ CONDÉ, 2021, p. 32.

³¹ CONDÉ, 2021.

³² CONDÉ, 2021.

³³ CONDÉ, 2021, p. 55.

³⁴ CONDÉ, 2021, p. 30.

³⁵ CONDÉ, 2021, p. 31.



fragmentos a presença de uma “mafumeira”, árvore típica da América Central, onde tantas negras e negros tiveram seu sangue derramado e suas vidas ceifadas. Não podemos esquecer que muitas pessoas estudiosas da área denunciam ininterruptamente as degradantes formas de trabalho, suas constantes jornadas excessivas e a escassez de alimentos, higiene e ainda, os constantes abusos físicos, sexuais e morais com os quais negras e negros escravizados conviviam cotidianamente. Para Araújo:

A execução de Abena foi pública para servir de exemplo aos demais escravizados que tentassem de alguma forma se rebelar contra a ordem estabelecida. Tal ordem conclama ao estupro das mulheres negras como ferramenta de expansão dos negócios. O senhor teria o direito de estuprar a negra para que esta reproduzisse mais escravizados.³⁶

Além de serem comercialmente mais baratas que os homens negros, as mulheres negras eram vítimas da exploração proveniente do estupro sistemático que as impelia a gerar novos filhos que posteriormente seriam escravizados, explorados até o limite de suas forças e novamente enterrados próximos a mafumeiras, como denúncia de um terrível ciclo de exploração que assolou o Caribe, bem como o Atlântico Negro³⁷.

A natureza como parte de Tituba

A narrativa contada em primeira pessoa em um evento *post mortem*, transforma a voz de Tituba em um eco que sagra a luta e os anseios de seu povo na incansável busca por sua sobrevivência. Contudo, pela maneira com a qual Tituba relembra e dispõe as suas memórias percebemos o quanto a sua relação com a natureza constitui a personagem, seja em sua essência, em suas principais referências a sentimentos e sensações de modo que ela os materializa correlacionando diretamente com as manifestações da natureza que são apontadas na ilha de Barbados.

Assim, vemos que Tituba narra as sensações de presságio identificadas por meio de fenômenos da natureza como bem nos aponta Condé³⁸:

Eu não sabia decifrar os sinais do futuro. Ele parecia para mim um astro circular, coberto de árvores frondosas, cujos troncos se enredavam a ponto de nem o ar

³⁶ ARAUJO, Loraine Marie Farias. A exploração da mulher negra sob a Teoria do Valor-Trabalho. *Argumentum*, Vitória, v. 15, n. 1, p. 258-270, 2023. p. 261. DOI: <https://doi.org/10.47456/argumentum.v15i1.38977>.

³⁷ GILROY, 2001.

³⁸ CONDÉ, 2021.



ou a luz poderem circular livremente. Eu os sentia, terríveis perigos me ameaçavam, mas era incapaz de nomeá-los, e eu sabia disso. [...] Houve um ciclone naquela noite. Eu o escutei vir de longe ganhar força e vigor. A mafumeira do jardim tentou resistir, e perto da meia-noite desistiu, deixando seus mais altos galhos tombarem num terrível clamor. As bananeiras, lado a lado, se deitavam docilmente, e pela manhã foi um espetáculo de desolação pouco comum.³⁹

Diante de toda a opressão que era vivida de forma constante desde que Tituba se uniu a Jhon Indien, conseqüentemente, ao se tornar uma mulher negra escravizada, e dada a sua religiosidade totalmente pujante, depreendemos pela narrativa que ela era uma atenta observadora as manifestações da natureza, por isso suas atitudes, ações e sentimentos eram pautados diretamente pela natureza e seus eventos climáticos.

Com base nos estudos endossados pelo pesquisador Marcelo Moraes, verificamos na estrutura ontológica que fundamenta a filosofia ubuntu que se trata de “um contínuo vir-a-ser-sendo, que se reproduz numa abertura e numa flexibilidade que se organiza a partir do equilíbrio e da harmonia entre indivíduos e natureza”⁴⁰.

Assim, percebemos que Condé cria uma narrativa de ficção para a lenda de Tituba, para que sua história não seja como a de tantas mulheres negras em todo mundo, na qual não existe um passado, memórias e uma identidade. Essa singela homenagem em forma de um romance ficcional à história de Tituba nos revela importantes traços da cultura dos povos negros que habitaram a Ilha de Barbados, sobretudo dos povos Axante e Nago.

E nos apresenta ainda, como era a relação dos povos africanos com a natureza, uma vez que, tal relação permeava todo o entendimento sobre vida e religião, visto que, para Moraes, “o ubuntu é a raiz da filosofia africana, [...] que possibilita pensar o ser e o existir do africano”⁴¹. Dessa forma, compreendemos que o profundo respeito que Tituba nutria pela natureza, estendia-se pela vida humana e por sua religiosidade.

Para tanto, as comparações físicas se assemelhavam imensamente aos padrões da natureza, única referência que não os maltratava ou diminuía, como vemos em “Yao se levantou, e sua cabeça tocou o teto da cabana, pois esse negro era tão alto quanto

³⁹ CONDÉ, 2021, p. 27.

⁴⁰ MORAES, Marcelo José Derzi. A filosofia ubuntu e o quilombo: a ancestralidade como questão filosófica. *África e Africanidades*, [s.l.], ano 12, n. 32, nov. 2019. p. 03. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/documentos/0320112019.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

⁴¹ MORAES, 2019, p. 03.



uma laranjeira do mato”⁴². Ao comparar as características físicas de seu padrasto a de uma árvore, estabelecemos um paralelo que, para Tituba as mínimas referências somente podiam se dar por meio da comparação com a natureza.

Pois, conforme o pesquisador *chicano* João Augusto Lira “As forças naturais sempre foram tomadas como o grande referencial de valores culturais, sociais, e espirituais de qualquer ancestralidade”⁴³, mesmo se referindo ao contexto indígena, podemos entender tal contribuição para pensar as ações de Tituba a narrar sua história tendo a natureza como uma sensível parte constitutiva de sua vida, ancestralidade e sentimentos.

De modo que, a todo o momento o tempo e o clima ditavam sensações. lembranças, e como a personagem as detalharia no texto, construindo assim uma efetiva referência sobre aspectos como a geografia da ilha de Barbados e os saberes ancestrais de Tituba. A seguir teceremos alguns diálogos finais acerca da temática discorrida.

PARA UM EFEITO DE FIM

A história *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*⁴⁴, nos leva a refletir sobre como os conceitos da ecocrítica e do ecofeminismo foram tão bem utilizados na obra de Maryse Condé a ponto de exercerem um papel central em muitas partes da narrativa, demonstrando o quanto as belezas naturais da região Caribenha de Barbados inspiravam a personagem de Tituba a ponto de ela utilizar elementos característicos da natureza para expor sua opinião, sensações e experiências.

Percebemos também que, por meio da temática relativa ao meio ambiente a autora audaciosamente denunciou todo o processo de exploração humana oportunizado pela escravidão, de modo que se elevou um marco de resistência que era compreendido ao estabelecer um diálogo entre a força da natureza frente aos desmandos opressores da escravização de seres humanos.

⁴² CONDÉ, 2021, p. 27.

⁴³ LIRA, João Augusto. Ecofeminismo e Literatura Chicana: performatização literária e delação multifacetária em “So Far From God” de Ana Castillo. *Intersemiose*, Recife, ano 1, n. 2, p. 96-107, jun./dez 2012. p. 101. Disponível em: <https://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2012/11/08.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

⁴⁴ CONDÉ. 2021, p. 43.



Assim, o caminho ficcional da personagem apresenta todo o dilema de desumanização e coisificação ao qual os povos africanos foram subjugados, sobretudo em relação às mulheres negras. A personagem descreve com detalhes que são constantemente comparados a elementos da natureza, o que torna a obra uma narrativa forte em termos de representação e resistência da cultura dos povos africanos, sobretudo das mulheres negras.

Ao se focar exclusivamente na parte em que Tituba vive somente na ilha de Barbados e mais precisamente, antes de se unir a John Indien, este estudo abre um amplo espaço para que novas relações dialógicas e ecocríticas sejam estabelecidas com a obra. De modo que é possível compreender detalhes importantes acerca da geografia, do clima e das organizações culturais da ilha de Barbados no tempo da escravidão.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Loraine Marie Farias. A exploração da mulher negra sob a Teoria do Valor-Trabalho. *Argumentum*, Vitória, v. 15, n. 1, p. 258-270, 2023. DOI: <https://doi.org/10.47456/argumentum.v15i1.38977>.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARDIM, Carlos Henrique; DIAS FILHO, Rubens Gama. *A Herança Africana no Brasil e no Caribe*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

CASTRO, Manuel Antônio de. Ecologia: a cultura como habitação. In: SOARES, Angélica (org.). *Ecologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. p. 13-33.

CONDÉ, Maryse. *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem*. Trad. Natalia Borges Polesso. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

CORREIA, Fernanda Bezerra de Aragão. *Literatura e meio ambiente: Uma abordagem eco-poética em Manoel De Barros*. 2019. 106 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

GAARD, Greta. Rumo ao ecofeminismo *queer*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 01, p. 197-223, 2011.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.

GLOTFELTY, Cheryll. *What is Ecocriticism? Defining Ecocritical Theory and Practice*. Sixteen Position Papers from the 1994 Western Literature Association Meeting, Utah:

06 de outubro de 1994. Disponível em:

https://www.asle.org/wpcontent/uploads/ASLE_Primer_DefiningEcocrit.pdf. Acesso em: 28 maio 2020.

GRUEN, Lori; BIRKE, Linda. Ecofeminists' perspective. In: BEKOFF, Marc (ed.). *Encyclopedia of animal rights and animal welfare*. Westport: Greenwood Press, 1998. p. 48-49.

LIRA, João Augusto. Ecofeminismo e Literatura Chicana: performatização literária e delação multifacetária em “So Far From God” de Ana Castillo. *Intersemiose*, Recife, ano 1, n. 2, p. 96-107, jun./dez 2012. Disponível em: <https://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2012/11/08.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

MORAES, Marcelo José Derzi. A filosofia ubuntu e o quilombo: a ancestralidade como questão filosófica. *África e Africanidades*, [s.l.], ano 12, n. 32, nov. 2019. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/documentos/0320112019.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

OSÓRIO, Andréia. Ecofeminismo, teorias do *care* e as críticas a protetoras de animais de rua. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 3, e57762, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/g37rWjtX3hrs7H3Q5hLNHgM/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2023.

SILVA, Edilane Ferreira; COSTA, Érika Maria Asevedo; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa. Topofobia e topofilia em “A Terra”, de “Os Sertões”: uma análise ecocrítica do espaço sertanejo euclidiano. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 253-260, maio/ago. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-451320140204>.

TAVARES, Manuela. Ecofeminismo (S). *Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elina Guimarães*, 2014. Disponível em: https://www.cdcofeminista.org/wp-content/uploads/2014/02/ECOFEMINISMO_Manuela_Tavares_5fev2014UF.pdf. Acesso em: 28 maio 2023.

VASCONCELOS, Clara Mayara de Almeida; BRAZ, Rafael Francisco. Ventos do apocalipse e a relação com Ecofeminismo. *Letras Raras*, Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 10-29, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8401280>.

Recebido em: 07 nov. 2023.

Aceito em: 19 set. 2024.